

FEMINILIDADE E MELANIE KLEIN: O TEMA DA FEMINILIDADE EM SUAS PRIMEIRAS PUBLICAÇÕES**MARCOS LEANDRO KLIPAN¹****JORGE LUIS FERREIRA ABRÃO²****Marcos Leandro
Klipan**

¹Universidade Estadual
de Maringá (UEM),
Professor do
Departamento de
Psicologia,
Maringá/PR, Brasil.

**Jorge Luis Ferreira
Abrão**

²Universidade Estadual
Paulista (Unesp),
Professor do
Departamento de
Psicologia Clínica,
Assis/SP, Brasil.

RESUMO: Buscamos investigar o tema da feminilidade nas primeiras publicações de Melanie Klein (1921 a 1931). Partimos da ideia de que a autora, de forma ainda mais radical do que Freud, inverteu a lógica clássica da constituição subjetiva do mundo ocidental: a de que o falo/masculino seria o ponto de partida para as diferenciações sexuais. Nesse sentido, a noção kleiniana de feminilidade fundamentaria a sua concepção própria de materno, que passou a ser plano de destaque em suas teorizações e, por conseguinte, a possibilidade de suas revisões sobre o complexo de Édipo e a proposição de novos conceitos.

Palavras-chave: feminilidade; Psicanálise; Melanie Klein.

Abstract: Femininity and Melanie Klein: the theme of femininity in her first publications. This work intends to understand the theme of femininity in the first publications of Melanie Klein. We start from the idea that the author, even more radically than Freud, reversed the classical logic of the subjective constitution of the Western world: that the phallus/male would be the starting point for sexual differentiation. In this sense, the Kleinian notion of femininity would base his mother's own design that has become prominent in her theorizing plan and therefore the possibility of revisions on the Oedipus complex and the proposition of new concepts.

Keywords: feminity; Psychoanalysis; Melanie Klein.

DOI - <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982018003010>

Todo o conteúdo deste periódico, exceto onde estiver identificado, está licenciado sob uma Licença Creative Commons (cc by 4.0)

Este artigo busca investigar o tema da feminilidade (BIRMAN, 1999 e 2001; ARÁN, 2000; 2002; 2006 e 2009) que já aparecia nas primeiras publicações de Melanie Klein. Em nossa compreensão, esta temática serviria como um recorte norteador para se traçar um percurso epistemológico na obra dessa autora e que, ao mesmo tempo, também serviria como uma maneira original de revisar o seu pensamento. Partimos da tese de que Klein teria, de forma mais radical que Freud, invertido a lógica clássica da constituição subjetiva do mundo ocidental: a de que o falo e, portanto, o masculino, seria o ponto de partida para as diferenciações sexuais. O artigo que construímos aqui é parte de uma síntese que buscamos desenvolver a partir de uma pesquisa que realizamos na forma de uma tese de doutorado (KLIPAN, 2015). Tendo em vista a impossibilidade que encontramos em realizar essa síntese em apenas um artigo, optamos por construir ao menos dois que contemplassem nossa intenção. Neste aqui, então, nos dedicamos a circunscrever e a refletir sobre essa temática na primeira década de suas publicações – que correspondem aos anos de 1921 a 1931 – anteriores à primeira grande sistematização de seu pensamento, que ocorreu em 1932 com a publicação de *A psicanálise de crianças*.

Acreditamos que nosso trabalho, em se tratando da metodologia, pode ser compreendido como uma historiografia de abordagem epistemológica (ABRÃO, 2007). Isso porque buscamos compreender o desenvolvimento de uma determinada temática destacando as condições e o contexto em que ela foi construída. Entendemos que ir ao início do pensamento kleiniano nos favorece reconhecer o papel que o materno tomou em sua obra posteriormente. Nesse sentido, nos faria superar as dificuldades da compreensão desse pensamento que, segundo Elias M. da Rocha Barros (1995) e Elias M. da Rocha Barros e Elizabeth Barros (1988), trariam pelo menos duas problemáticas inerentes à sua publicação: um *a-historicismo deformante* – por conta da maneira como a obra de Klein veio a público – e o estilo da escrita dessa autora, que notoriamente sempre primou pela crueza na apresentação das fantasias inconscientes.

O centro de nossa reflexão se assenta na ideia de que, apesar de Freud ter uma construção teórica aparentemente dicotômica e contraditória com relação ao feminino – ao mesmo tempo em que desenvolve uma forma de reconhecimento das singularidades presentes no desejo feminino, teoriza-o dentro do estatuto patriarcal de nosso mundo ocidental –, ao final de sua obra este autor teria proposto novas trilhas de compreensão subjetivas a partir da relação do bebê feminino com sua mãe. Segundo Birman (1999 e 2001), essa forma de inter-relação subjetiva poderia ser chamada de feminilidade, uma vez que ela preservaria um campo subjetivo de longa data histórica e de importante positividade do sensível para a construção do sujeito. Isso porque, ao contextualizar essa noção freudiana dentro da racionalidade moderna – ou mesmo da tradição racionalista das filosofias ocidentais – podemos reconhecer a potencialidade da invenção da Psicanálise. A ideia que procuramos manter em nosso trabalho é a de que essa forma de relação subjetiva chamada de feminilidade não se restringiria apenas a esse contexto enunciado, mas pode pertencer a todas as formas subjetivas, uma vez que, em nossa tradição social, um bebê, para se tornar humano, necessita de, ao menos, uma pessoa que se coloque por um determinado tempo nesse trabalho subjetivo altamente sexual (LAPLANCHE, 1992). Contudo, a caracterização principal dessa noção de feminilidade é uma subjetivação que acontece fora dos parâmetros fálicos fundamentais para a compreensão do núcleo subjetivo que acontece no complexo de Édipo.

Nosso percurso aqui busca dar conta do momento inicial da obra kleiniana, mais especificamente o da primeira década de suas publicações, uma vez que este já apresentaria uma afinidade dessa autora com a proposta de feminilidade tratada aqui. Acreditamos que Melanie Klein, por um lado, já teria iniciado seu pensamento psicanalítico partindo da obra freudiana pós década de 1920, o que a levou a assumir muitas das transformações que o inventor da Psicanálise propusera nesse significativo período: noção da pulsão de morte; segunda tópica do aparelho psíquico e da angústia; e, também, a noção de feminilidade presente ao final de sua obra, a qual iremos retomar mais à frente em nosso trabalho. Por outro lado, essa posição teórica freudiana assumida como ponto de partida, juntamente com seu trabalho psicanalítico realizado diretamente com crianças, fizeram destacar um significativo espaço materno na compreensão da gênese psíquica.

CONSTRUINDO A NOÇÃO DE FEMINILIDADE

É importante, antes de iniciarmos o trabalho que propusemos com esse recorte da obra kleiniana, buscar demarcar em que plano pensamos essa noção de feminilidade.

Quando Freud (1937/1996) publicou *Análise terminável e interminável*, ele já tinha feito todas as modificações metapsicológicas pós década de 1920 que mencionamos anteriormente. Todavia, a questão da resistência no tratamento era algo que insistia como um fenômeno para além de uma situação técnica. Quando se formulava essa questão como uma problemática do tipo “Por que os pacientes resistem a melhorar?”, isso levava o autor a ter de reconhecer um universo mais complexo do que aquele contido na sua proposição do complexo humano nuclear: o complexo de Édipo. Em que sentido? É bem notória a sua formulação geral e, tanto quanto ela, a fácil percepção de como ela se adequa mais facilmente ao universo masculino. Como destaca Birman (1999 e 2001), Freud retomaria em sua construção teórica a tradição da Antiguidade, onde o masculino está como eixo estruturante na organização social que, para a sociedade moderna, se tornaria a condição da constituição subjetiva. Apesar da Modernidade ter rompido com a noção antiga do sexo único e, a partir de ciências como a Biologia e a própria Psiquiatria, ter passado a reconhecer o estatuto do feminino, esse modelo de sociedade manteve a noção clássica de situar o feminino em uma condição de mais fragilidade, o que, em prática, é uma posição negativa ao masculino (BEAUVOIR, 1970).

Dessa maneira, em sua formulação geral, para o menino a castração marcaria sua saída do Édipo; para a menina, seria a visão dessa falta – a do pênis na mãe – que a colocaria nesse complexo. No universo feminino, a saída do Édipo jamais poderia ser algo tão pontual quanto no campo masculino. Dessa forma, “a figura do masculino seria em si mesma mais **evidente** que a do feminino. Esta seria marcada pelo velamento e pela obscuridade” (BIRMAN, 2001, p. 182). A partir dessa tradição, Freud esquematizou possibilidades para esse universo destoante: o ressentimento e a inveja do pênis como uma figura imaginária sempre buscada; a masculinização e/ou o sintoma histérico; e, em uma hipótese favorável, o destino da maternidade como saída “positiva”. Isso aparece em textos bem tardios na obra de Freud, como o que já mencionamos, *Análise terminável e interminável* (1937/1996), mas já vinha sendo problematizado desde 1924 em *O problema econômico do masoquismo*, ou mesmo na *Conferência XXXIII – Feminilidade* (FREUD, 1933/1996).

Nesse contexto, podemos perceber que, clínica e teoricamente, Freud se ocupava em tentar resolver mais do que uma questão: a da resistência dentro do tratamento e a do enigma do feminino que, em si, já seria uma resistência ontológica. Em nossa leitura, foi justamente no campo das novas proposições pulsionais que essa discussão se abriria para uma nova dimensão, fora do registro fálico que marcaria a tradição patriarcal de nossa sociedade ocidental. Ao apresentar o campo da pulsão de morte, Freud começava a investigar um universo anterior ao complexo de Édipo clássico. O texto *Além do princípio do prazer*, que inaugurou o conceito de pulsão de morte, foi publicado 17 anos antes de *Análise terminável e interminável*. Todavia, esse novo conceito não conseguia, de fato, resolver essas problemáticas com as quais a clínica freudiana se defrontava; pelo contrário, trazia novas complexidades.

De forma bem sintetizada, podemos dizer que essa nova dimensão a que Freud se detinha relacionava-se ao campo da ameaça de estar fora das balizas trazidas pela subjetivação fálica. Ou seja, pensar uma subjetivação fora do campo edipiano tradicional é retomar uma experiência de desamparo que remonta a uma inter-relação muito primitiva, como o caso da criança pequena e sua mãe. E é justamente aí que Birman (1999 e 2001) e Arán (2000; 2002; 2006 e 2009) propõem a tese da feminilidade. Freud, em textos como o da *Conferência XXXIII – Feminilidade*, teria notado que algo muito importante aconteceria nesse tipo de relação mãe-bebê e que diria respeito a um tempo chamado de pré-edipiano. Esses autores que desenvolvem esse tema da feminilidade vão reconhecer que Freud não teria, de fato, esbarrado no “rochedo da feminilidade” ameaçando causar um naufrágio da nau psicanalítica, mas o contrário, que esse autor teria aportado em um novo continente bem ao fim de sua vida.

Segundo Arán, nesse momento final de sua obra, Freud começou a perceber que a experiência psicanalítica colocava o humano frente a uma suposta ameaça. Isso porque o percurso analítico

[...] levaria o sujeito a uma experiência de desamparo, na medida em que a saída de uma posição masoquista diante do outro, posição emblemática da neurose, faria o sujeito perder sua referência fálica e se deparar necessariamente com a angústia do real que o constitui. (ARÁN, 2000, p. 183).

Não seria mais a angústia de ter ou não ter o falo, própria à proposta original do complexo de Édipo, mas a angústia da potencialidade aberta por aquilo que chamamos de feminilidade. Nesse sentido,

[...] no registro da feminilidade não existiria o falo para o sujeito, seja como referente ou até mesmo como referência. Esse território não seria regulado nem fundado na figura do falo. Este seria então, na feminilidade, uma ausência, um faltante. (BIRMAN, 2001, p. 225).

Mas, nesse caso, a falta não seria a do falo, mas de um paraexcitações que daria conta de um excesso que beira o trauma ou o colapso (FREUD, 1920/1996; 1924/1996 e 1926/1996).

Nesse sentido, como acompanhamos antes, a articulação teórica feita por Freud com relação a esse tipo de experiência desse desamparo foi a de pensá-la a partir de uma outra, anterior: a da criança e a ameaça da perda da mãe. A criança tentaria dominar o excesso pulsional que a ausência de sua mãe lhe provocaria. Nesse caso, vemos a transformação pulsional que entendemos como desamparo para o campo que começa a tocar no simbólico. Segundo Arán:

O que se destaca nesta passagem é que este 'além' é alguma coisa à qual se tem acesso e que por isso mesmo permite o que é fundamental em termos de processos subjetivos: uma mobilidade pulsional. Do nosso ponto de vista, esta interpretação permite trazer para dentro do psiquismo alguma coisa que é irreduzível ao simbólico, mas em relação à qual não se realiza nem uma alienação, nem uma ruptura. A simbolização seria então um processo de transformação da pulsão e não necessariamente de separação ou de corte. (ARÁN, 2002, p. 134; grifos nossos).

É justamente nessa qualidade residente no tema da feminilidade que sustentamos que a obra de Melanie Klein se fundaria. Em nossa concepção, essa autora teria se apropriado dessa concepção mais tardia do pensamento de Freud – que podemos localizar como a segunda metade da obra freudiana, pós anos de 1920 – e explorado as novas possibilidades de outras vias de subjetivação.

TRATAMENTOS DOMÉSTICOS E A FEMINILIDADE NO ESPAÇO MATERNO

Julia Kristeva (2002) afirma que Melanie Klein tinha uma tendência a *maternalizar* o inconsciente. Sabemos que, desde as primeiras publicações de Klein e, também, ao longo de toda a sua obra e de seus discípulos posteriores, a mãe passou a ocupar um espaço no campo da metapsicologia psicanalítica que não existia anteriormente. Mas, o que essa expressão significaria exatamente? Para Kristeva, Klein sempre demonstrava seu grande interesse em compreender os processos mais arcaicos existentes no psiquismo; isso representava que o intuito era de ir tão profundo na compreensão da psique, ao ponto de se chegar aos momentos do recalque originário. Esse ímpeto kleiniano teria sido transmitido para seus seguidores, que o teriam compreendido como uma necessária posição dogmática e incisiva, especialmente com relação à técnica da interpretação. O trabalho com a transferência negativa também se consolidou como a trilha principal nesse percurso de buscar as profundezas do psiquismo, tanto que seus detratores acusavam-na de suscitar esse tipo de transferência. Todavia, Kristeva reconhece que a principal marca de Klein é o seu não-recuo à agressividade dos seus pacientes, fazendo-a destacar como um plano tão significativo quanto o sexual. Nesse sentido, a ideia de maternidade do inconsciente poderia ser compreendida como essa forma de buscar o bebê que permanece em nós como uma metáfora kleiniana sobre o inconsciente.

Tomamos, então, a noção de bebê como um fenômeno que se estabelece em uma relação entre uma figura adulta – que, em nossa cultura ocidental, há pelo menos dois milênios ainda se predomina pelo papel exercido por mulheres – e a prole humana e sua condição de desamparo universal. Um bebê, assim, é esse ser que se relaciona com alguém que consegue atendê-lo em suas demandas estabelecidas por um tipo de comunicação muito primitiva e que poderia ser exercida apenas por alguém que consegue se colocar nessa posição de continência. Nesse sentido, a ideia de maternidade – vejamos como essa

palavra já demarca essa condição cultural mencionada anteriormente – se relaciona com a noção de feminilidade que trabalhamos sobre o pensamento de Klein.

Na primeira década de suas publicações, que corresponde aos anos de 1921 a 1931, temos quatorze textos que, de maneira mais ou menos direta, abordam nossa temática da feminilidade. No entanto, iremos discutir aqueles que acreditamos tecer relações mais diretas com esse tema.

Uma contribuição à psicogênese dos tiques (KLEIN, 1925/1996) é um texto que vem na sequência de outros quatro que podem ser considerados como os anos de *ensaios psicanalíticos*, pois os textos anteriores a 1925, ou seja, os quatro anteriores, estão situados em uma psicanálise mais pedagógica do que propriamente de tratamento. Como sabemos (PETOT, 1991; KRISTEVA, 2002), foram atendimentos domésticos ainda antes de ter sido criada por Klein a técnica do brincar. Já a partir de 1925, podemos acompanhar a autora propor uma relação muito íntima do feminino com os sintomas neuróticos.

Esse artigo de 1925 trata sobre o caso do menino Felix – pseudônimo para o filho mais velho de Klein (GROSSKURTH, 1992) – de treze anos e que sofria de severos tiques decorrentes de suas fantasias masturbatórias. Segundo uma nota explicativa da Comissão Editorial Inglesa, era a primeira vez que a autora estudava mais detidamente a identificação com um objeto que, no caso desse exemplo clínico, referia-se aos pais na relação sexual. Esse estudo abria a marca kleiniana para a importância central que os objetos internos passariam a ter na vida psíquica do sujeito. Podemos destacar dois momentos que se sobressaem na análise desse garoto e que colocam o palco feminino no foco da cena subjetiva kleiniana: suas inibições relacionadas à música e, também, uma fantasia onde ele se percebe jogando futebol com algumas meninas. Em um determinado momento, ele se vê acariciando os seios delas e, de forma intrigante, relata a existência de uma cabana como parte do cenário dessa fantasia, e que estaria atrás do local onde estavam essas meninas. São fantasias de características bastante oníricas, mas que se manifestavam como uma cena muito importante e que esse menino conseguia descrever para sua analista/mãe, uma vez que elas tomam um tempo importante do tratamento e do texto de Klein.

A partir das compreensões de Klein sobre o tratamento e, especificamente sobre essas fantasias, destaca-se a pluralidade do desejo de Felix: identificação e desejo de posse pelo pai e pela mãe, na mesma medida que havia o ímpeto por degradá-los. Os seus tiques eram, segundo Klein, a simbolização de todo esse conteúdo que punha o menino em uma intensa angústia. O percurso de tratamento para esse caso tomado por Klein foi analisar todos os objetos que compunham as identificações que estruturavam esse sintoma. Apesar da angústia de castração em relação ao pai ser a marca predominante nesse caso – o que se destacava pela sua ambivalência com a música –, o universo feminino revelou a pluralidade que faz parte desse universo de identificações objetais. A cena primária – contida na cena da cabana e do jogo de futebol com as meninas –, também se destaca como principal símbolo desse campo adentrado por Klein. Nesse sentido, Klein conseguia identificar e evidenciar não apenas a rivalidade daquele garoto com seu pai, mas também o seu desejo de tomar o lugar da mãe em sua relação sexual com o pai. Dois planos começavam a se acentuar como entrelaçados: a sexualidade em íntima relação com a agressividade. Em 1925, Klein ainda não tinha adotado o conceito de pulsão de morte como parte de seu vocabulário, porém a forma como ela descrevia essa conexão da sexualidade com a agressividade nos demonstra como essa teorização já estava presente seu pensamento, mas ainda não totalmente empregada, assim como acontecia com outros psicanalistas do período que não adotaram rapidamente essa nova concepção freudiana (PETOT, 1988).

Isso fica ainda mais evidente quando, em 1928, com a publicação de *Estágios iniciais do conflito edipiano* (Klein, 1928/1996), essa agressividade dirigida pelo sujeito para a mãe coloca esta figura, na concepção teórica dessa autora, como a imagem da castradora original. O mais notório desse texto é a antecipação e uma concepção própria do complexo de Édipo. No entanto, faremos destacar aquilo que mais se relaciona com nossa temática da feminilidade. Podemos acompanhar essa ideia quando Klein aponta que:

O menino teme ser punido pela destruição do corpo da mãe, mas além disso, seu medo também tem um caráter mais geral – nesse ponto é possível estabelecer uma analogia com a ansiedade ligada aos desejos

de castração da menina. Ele tem medo de que seu corpo seja mutilado e desmembrado, e esse pavor também significa a castração. Aqui temos uma contribuição direta para o complexo de castração. Nesse período inicial de desenvolvimento, a mãe que toma as fezes do menino também representa uma mãe que o desmembra e castra. Não é apenas através das frustrações anais impostas à criança que a mãe abre caminho para o complexo de castração: em termos de realidade psíquica, ela já é o castrador. (KLEIN, 1928/1996, p. 220).

Essa modificação na concepção do agente castrador original não desloca apenas a figura do pai para a mãe, mas também abre espaço para uma revisão de todo o complexo de Édipo e a estrutura moral que era entendida como derivada de seu percurso, o superego. Aliás, este passa, em textos posteriores, a ser compreendido como o próprio desencadeador do complexo de Édipo, a partir das concepções kleinianas de superego e Édipo primitivos e, principalmente, depois da formulação da teoria das posições. Essas concepções são mais bem sistematizadas nesse texto de 1928, mas, antes dele, já começavam a ser claramente esboçadas em *Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas* (1926/1996) e *Simpósio sobre a análise de crianças* (1927/1996), período e textos que apresentaram as pacientes Rita e Erna, protagonistas na criação da técnica do brincar (PETOT, 1991; GROSSKURTH, 1992). Essas pacientes, além de terem ajudado Klein a desenvolver uma técnica especial no trabalho com crianças, como buscamos mostrar em outro trabalho (KLIPAN, 2012), também denotaram a marca da agressividade como tom dos tratamentos das crianças neuróticas atendidas por Klein.

Ainda nesse texto de 1928, a autora apresenta o que ela chama de *fase de feminilidade*; justamente o ponto original da nossa temática de pesquisa. Segundo a autora, as tendências edipianas que são primeiramente liberadas pelo desmame, e posteriormente intensificadas pelo treino ao toailete, colocariam meninos e meninas em mudanças de posições libidinais. No percurso edipiano do menino, ele trocaria sua posição oral e anal por uma posição genital¹ de penetração; nesse sentido, ele troca de posição libidinal e, também, de objetivos pulsionais. No caso das meninas, elas trocariam sua posição oral e anal por uma posição genital receptiva – num primitivo reconhecimento da vagina. Nesse sentido, elas mudam de posição libidinal, mas os objetivos pulsionais continuam os mesmos: os da receptividade. A partir disso, a menina buscaria o pai como seu objeto amoroso, diferentemente do menino, que permaneceria com a mãe, mesmo tendo com ela a frustração do desmame e do treino ao toailete.

Segundo a autora, os elementos sádicos despertados pelas primeiras grandes frustrações (desmame e treino ao toailete) se associariam com a pulsão do saber. Como indicamos em outra pesquisa (KLIPAN, 2012), há um intenso desejo da criança em conhecer o corpo da mãe e ser reconhecido por ela. Como a criança ainda não tem uma capacidade cognitiva para esse conhecimento, sua ignorância leva a um aumento do complexo de castração, o que intensifica ainda mais sua agressividade. Se tal intensidade for demasiadamente grande, a criança pode ter atrofiado o desenvolvimento dessa pulsão, levando-a a uma inibição ou à formação de uma neurose de caráter obsessivo. Segundo Klein, essa associação entre sadismo e impulso do saber é muito importante para o desenvolvimento mental e sexual; o palco para o desenvolvimento dessa interação é o corpo da mãe². Nesse campo de identificação com a mãe, Klein formula, então, a noção de uma *fase de feminilidade*.

A fase de feminilidade no universo dos meninos é bastante semelhante ao complexo de castração nas meninas, pois ambos seriam precursores do complexo edipiano. Segundo Klein (1928/1996), a fase de feminilidade conta com três objetivos no processo primitivo de identificação com a mãe, mas que derivam de um principal: *possuir o conteúdo interno da mãe*. Os três objetivos que partem desse principal se referem em primeiro lugar ao desejo de ter filhos, mas filhos roubados do interior da mãe; o segundo objetivo deriva do ciúme em relação a esses filhos (irmãos) que a mãe possuiria em seu interior e que poderiam nascer e tomar o lugar da criança a qualquer momento; e o terceiro objetivo diz respeito às tendências sádico-anais em relação ao pênis do pai que estaria contido dentro da mãe – *nesse sentido, o*

1 Nesse caso, não se trata de uma versão final da genitalidade, mas de movimentos parciais que já a colocam em movimento junto com outras zonas erógenas parciais.

2 Posteriormente, a partir da metade da segunda década de trabalho, Melanie Klein irá mudar o centro desse palco das primeiras relações da criança com a mãe para o seio.

universo feminino conteria e possuiria o campo masculino, invertendo a lógica fálica na tradição de nossa cultura ocidental que perdura há séculos, desde a Antiguidade.

Desta forma, tanto o complexo de castração nas meninas como a fase de feminilidade nos meninos derivariam de uma frustração inicial de se perceber privado de uma potencialidade. Na concepção freudiana, essa percepção do complexo de castração das meninas se refere à percepção de não possuir um pênis. O percurso edípiano das meninas se iniciaria a partir desse ressentimento. Contudo, nessa nova proposta kleiniana, tanto meninos quanto meninas se perceberiam privados da potencialidade materna de criar e dominar a vida. Há um reconhecimento bastante primitivo da criança de que a mãe é detentora da vida ou da morte, e que ela – um ser ainda dependente – estaria à mercê do desejo da mãe³.

O medo e o desejo pela posse do interior do corpo da mãe faria surgir, no imaginário da criança, a figura dos pais combinados, um elemento próprio da cena primária.

A concepção kleiniana sobre o Édipo feminino, em 1928, ainda estava muito próxima à de Freud. Podemos perceber isso, por exemplo, quando ela não explica exatamente o porquê das meninas se afastarem da mãe e procurarem o pai, enquanto os meninos tenderiam a permanecer com a mãe. Tem-se a impressão mais da manutenção de uma determinada concepção de mundo – onde o percurso edípiano “naturalmente” tenderia para a heterossexualidade – ao mesmo tempo em que outros temas originais já estavam sendo propostos por essa autora. Como podemos notar, esse primeiro momento de teorização sobre o universo que chamamos de feminilidade colocava Klein a destacar que haveria uma identificação muito primitiva com a mãe, e essa assumiria conotações terríficas para o sujeito, de ambos os sexos. Ela despertaria o desejo e a inveja de possuir a capacidade criativa da mãe e impulsionaria a criança em busca de um outro que, no caso, é o pai. Nesse momento da obra kleiniana, são a imago e a capacidade genital paterna que permitem à criança sair desse laço que pode ser destrutivo, e que, nesse sentido, ainda traz a predominância dos aspectos fálicos de salvaguarda do psiquismo. Contudo, apesar da autora ainda nesse momento teorizar por uma via exclusiva do falo como ponto de subjetivação adequada para o sujeito, já podemos perceber que ela abre novas trilhas: o núcleo do superego se estrutura no universo feminino; a agressividade que se faz necessária e que, associada aos impulsos do saber, torna-se mola propulsora para o interesse e os investimentos libidinais da criança para o corpo da mãe, destacando, assim, os aspectos de interação das pulsões agressivas e sexuais; e apesar do falo paterno ainda ser um elemento de destaque na subjetivação do sujeito, ele se torna secundário em relação ao interjogo de desejos que se estabelece para a imago primitiva da mãe. Todos esses elementos estão na base de todas as novas propostas kleinianas com relação à revisão feita sobre o complexo de Édipo e o superego, que passam a ser vistos por outro ângulo. Elementos que poderíamos localizar como marginais na obra de Klein e que, nessa primeira década das publicações da autora, já aparecem enunciados, mas ainda não estruturados em noções ou sistematizados por conceitos. Todavia, precisamos destacar bem que o fato da sua experiência inicial ter se dado no trabalho com crianças meninas, isso já se evidenciava como um campo inovador.

Em 1929, Melanie Klein publicou dois textos: *Personificação no brincar das crianças* (1929a/1996) e *Situações de ansiedade infantil refletidas em uma obra de arte e no impulso criativo* (1929b/1996). Ambos promovem um aprofundamento na compreensão e na estruturação da técnica do brincar. Isso acontece principalmente através da revisão de dois casos que, cada vez mais, tornaram-se ícones dos fundamentos de sua clínica. Trata-se dos atendimentos das pequenas Rita e Erna. De forma sintetizada, podemos destacar que os dois textos promoveram a formulação de um conceito que se tornou muito importante em sua obra: o mecanismo de reparação. Sobre isso, Melanie Klein encontrou um ponto em comum entre a criação artística e a capacidade da criança de personificar os jogos: *o desejo de realizar reparações* (KLEIN, 1929b/1996, p. 248). Esse conceito é importante não apenas porque avançaria com relação à noção freudiana de sublimação que nunca fora plenamente desenvolvida, mas porque ele consegue ser

3 Nesse ponto, podemos localizar o que será o conceito de posição depressiva e toda a angústia que cerceia esse estado proposto por Klein alguns anos mais tarde.

a base, segundo nossa compreensão, para o conceito de posição depressiva, lugar onde realmente se estabeleceria a condição de feminilidade que tratamos aqui.

Toda essa discussão em torno dessa capacidade restaurativa forma a temática desse final de década dos 1920, ou seja, essa capacidade seria a condição fundamental para a capacidade simbólica. Antes de fazer sua primeira sistematização, como ocorre com a publicação de *A psicanálise de crianças* e, também, com a proposição do conceito de posição depressiva, é a temática da capacidade de simbolização que mobiliza a autora nesse final de primeira década de publicação. É nesse momento que temos a apresentação do texto *A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego* (KLEIN, 1930a/1996), onde aparece o caso do pequeno Dick, de quatro anos e com a apresentação de uma pronunciada esquizofrenia. O caso se tornou famoso especialmente pela passagem da interpretação rápida e profunda⁴ – logo na primeira sessão – onde Klein teria introduzido, “à força”, uma capacidade simbólica ausente naquela criança, o que a impedia de conseguir se comunicar com os outros. Para estudiosos da obra kleiniana (PETOT, 1988 e 1991; KRISTEVA, 2002; CINTRA; FIGUEIREDO, 2004), essa forma de interpretar que, na verdade, foi uma situação de exceção, foi condição fundamental para o tratamento. Isso porque a autora já tinha convicção de que uma falha grave na capacidade de simbolização derivava de um terror nessas primitivas relações da criança com a imagem da mãe, que formariam seu superego cruel.

Klein também entendia que toda essa imobilização do menino derivaria de sua incapacidade de levar para o campo da fantasia a sua relação sádica estabelecida com a figura terrífica de sua mãe. Nesse caso, mais do que em outros, Klein começava a ter de lidar mais intensamente com as pulsões sem representação que permeariam o universo da feminilidade descoberto por ela. O processo analítico por esse viés, então, permitiria ao sujeito um *novo espaço para a construção simbólica* que lhe foi deficitária e que lhe prejudicaria o ego como um todo.

O artigo *A psicoterapia das psicoses* é, na verdade, uma extensão ao artigo anterior publicado no mesmo ano. Porém, nesse artigo, Klein deixava explícito que “[...] a análise de crianças pequenas, entre dois e meio anos e cinco anos de idade, mostra claramente que, para todas as crianças, a realidade externa de início é antes de mais nada um espelho de sua própria vida pulsional” (KLEIN, 1930b/1996, p. 266). Nesse sentido, Klein percebia que, para a criança pequena, o “[...] mundo é um seio e uma barriga cheia de objetos perigosos – perigosos por causa do impulso da própria criança para atacá-los” (*ibidem*, p. 267). Notemos como esse continente materno é compreendido por Klein como um lócus potencialmente hostil.

O artigo que fecha suas publicações nessa primeira década de trabalho retoma seu interesse de início, pois se refere ao que o título evidencia: *Uma contribuição à teoria da inibição intelectual* (KLEIN, 1931/1996). Nesse texto, Klein revisa a construção da inibição sob a luz de sua concepção das primitivas relações estabelecidas da criança com a figura primitiva da mãe. Nesse aspecto agressivo e libidinal que marcam essa relação arcaica, a autora percebe como, no inconsciente, os desejos de penetração, de mutilação, de roubo e de saber sobre o corpo da mãe tomam, por conta das condensações e deslocamentos realizados, o mesmo patamar. Nesse sentido, a autora percebe que a incapacidade para poder conhecer, marca típica da inibição, estrutura-se nessa impossibilidade em poder suportar as fantasias agressivas para o corpo da mãe. A relação com o corpo da mãe se estabelece, então, como o palco principal na gênese psíquica.

No entanto, Klein ainda ressalta, nesse artigo de 1931, que o pênis exerce função reguladora e executora nos aspectos psicológicos do ego (KLEIN, 1931/1996, p. 278-279), o que evidencia, ainda, sua

⁴ É famosa a passagem onde Klein, ao perceber que, na primeira sessão, ele não se interessava por brinquedo algum, pegou dois trenzinhos e disse que um seria o “Trem-Papai” e o outro o “Trem-Dick”. O menino, então, pegou o “Trem-Dick” e o levou até a janela e disse apenas “Estação”. Klein falou que a estação era a mamãe e que ele estava dentro da mamãe. No mesmo instante, o garoto largou o brinquedo e correu para a região mais escura do corredor entre a sala lúdica e a parte de fora. Klein continuou sua interpretação dizendo que aquele escuro era dentro da mamãe e que Dick estava dentro da mamãe. O menino se angustiou e chamou pela babá. Klein tentou aliviá-lo e disse que ela já viria. O interessante, no relato de Klein, vem nas sessões posteriores, onde o menino começou a, cada vez mais, se interessar e buscar se comunicar e interagir com as pessoas e as coisas ao seu redor.

focalização nos aspectos fálicos da constituição subjetiva do sujeito. Apesar de, nesse período, a autora já residir em Londres e começar a influenciar diretamente a Sociedade Britânica de Psicanálise, ela ainda não tinha se estabelecido totalmente e formado sua própria escola psicanalítica, como aconteceu anos mais tarde (GROSSKURTH, 1992).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, podemos perceber que o que chamamos de feminilidade nesse início de construção da obra de Melanie Klein se mostrou bastante marcado pela tonalidade da agressividade que seus pequenos pacientes apresentavam. A figura terrífica da imago da mãe, ainda no início dessa construção, ia ao encontro da concepção freudiana de “representação encarnada da natureza e não da civilização” (BIRMAN, 2001, p. 200), como pode ser encontrada no texto *O mal-estar na civilização* (FREUD, 1930/1996). Essa perspectiva, em uma primeira compreensão, poderia nos remeter à ideia de que Klein não teria avançado na concepção do feminino e sua posição negativa frente ao masculino na estrutura patriarcal do mundo ocidental. Contudo, ao percorrermos com mais detalhes os seus textos, podemos perceber que essa concepção sobre a função da mãe no imaginário da criança estava, na verdade, revelando a sua condição de continência e de articulação do sexual com o agressivo.

Nesse sentido, importantes elementos psicanalíticos foram revisados por Melanie Klein como, por exemplo, o superego, que teve o seu núcleo concebido como estruturado a partir do universo feminino, decorrente das frustrações iniciais com o desmame e o treino ao toalete. Isso, por si, já inverteu completamente a lógica patriarcal contida a partir da perspectiva freudiana de que essa instância psíquica seria herdeira de um complexo que, fundamentalmente, articula-se mais com o pai.

Dando destaque, então, para a agressividade, a autora passou a conceber esta última como um elemento necessário, junto com a pulsão do saber, como propulsão do interesse criativo e de investimentos libidinais que tomam inicialmente o corpo da mãe como palco dessas interações. O campo da agressividade e da sexualidade passava a ser compreendido como uma constante de interações e não apenas como dualidades pulsionais. O falo, segundo Klein, seria o elemento apaziguador dessa luta pulsional. Nesse aspecto, compreendemos que Klein ainda se mantivesse ligada a essa tradição da qual a própria psicanálise declinava. Contudo, apesar do falo paterno ainda se destacar - no pensamento de Klein nessa primeira década de publicações - como um elemento importante na subjetivação do sujeito, ele já se torna secundário em relação ao interjogo de desejos que se estabelece para a figura da mãe primitiva; e isso já é uma concepção nova e destacável no campo psicanalítico e na tradição ocidental. Algo que será ainda mais transformado ao longo das publicações nos anos seguintes às produções teóricas de Melanie Klein.

Recebido em: 21 de maio de 2016. Aprovado em: 24 de dezembro de 2016.

REFERÊNCIAS

- ARÁN, Márcia. A psicanálise e o dispositivo da diferença sexual. *Estudos Feministas*, 17(3), 653-673, 2009.
- _____. Feminilidade: alteridade e experiência. *PHYSIS: Revista Saúde Coletiva*, 12(1), 121-140, 2002.
- _____. Feminilidade, entre Psicanálise e cultura: esboços de um conceito. *PHYSIS: Revista Saúde Coletiva*, 10(1), 169-195, 2000.
- _____. *O avesso do avesso: feminilidade e novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BARROS, Elisabeth L. da R.; BARROS, Elias da R. O a-historicismo deformante na difusão do pensamento kleiniano. In: PETOT, Jean-Michel. *Melanie Klein II*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

BARROS, Elias da R. The problem of originality and imitation in psychoanalytic thought: a case study of kleinian thinking in Latin America. *International Journal of Psychoanalysis*, 76(4), 835-843, 1995.

BIRMAN, Joel. *A Psiquiatria como discurso da moralidade*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

_____. *Cartografias do feminino*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas fronteiras de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CINTRA, Elisa M. de U.; Figueiredo, Luís C. *Melanie Klein: estilo e pensamento*. São Paulo: Escuta, 2004.

FREUD, S. *Além do princípio do prazer* (1920) Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Ed. standard brasileira das obras completas, 18).

_____. *Análise terminável e interminável* (1937) Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Ed. standard brasileira das obras completas, 23).

_____. *Conferência XXXIII – Feminilidade* (1933) Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Ed. standard brasileira das obras completas, 22).

_____. *O mal-estar na civilização* (1930) Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Ed. standard brasileira das obras completas, 21).

GROSSKURTH, Phyllis. *O mundo e a obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

KLEIN, Melanie. *A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego* (1930a) Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Ed. standard brasileira das obras completas, 1).

_____. *A psicoterapia das psicoses* (1930b) Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Ed. standard brasileira das obras completas, 1).

_____. *Estágios iniciais do complexo de edipiano* (1928) Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Ed. standard brasileira das obras completas, 1).

_____. *Personificação no brincar das crianças* (1929a) Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Ed. standard brasileira das obras completas, 1).

_____. *Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas* (1926) Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Ed. standard brasileira das obras completas, 1).

_____. *Situações de ansiedade infantil refletidas em uma obra de arte e no impulso criativo* (1929b) Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Ed. standard brasileira das obras completas, 1).

_____. *Tendências criminosas em crianças normais* (1927) Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Ed. standard brasileira das obras completas, 1).

_____. *Uma contribuição à psicogênese dos tiques* (1925) Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Ed. standard brasileira das obras completas, 1).

_____. *Uma contribuição à teoria da inibição intelectual* (1931) Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Ed. standard brasileira das obras completas, 1).

KLIPAN, Marcos Leandro. A neurose obsessiva sob a ótica de Melanie Klein. *Ágora* 15(2), 311-325, 2012.

_____. *Noção de feminilidade em Melanie Klein: subjetivações para além de um registro fálico*. Tese de doutorado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista, Assis/SP, Brasil, 2015.

KRISTEVA, Julia. *O gênio feminino: a vida, a loucura, as palavras* – tomo II Melanie Klein. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

LAPLANCHE, Jean. *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PETOT, Jean-Michel. *Melanie Klein I: primeiras descobertas e primeiro sistema 1919-1932*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

_____. *Melanie Klein II: o ego bom e o bom objeto – 1932-1960*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

Marcos Leandro Klipan

mklipan@uem.br

Jorge Luis Ferreira Abrão

jlfabrao@gmail.com